

## **IX Simpósio Interdisciplinar do LaRS: palavras e coisas**

11, 12 e 13 de maio de 2011

Auditório Rio Datacentro (RDC), PUC-Rio

---

### **Nem homens nem mulheres**

Angela Aparecida Donini e Kelly Kotlinski Verdade

---

necadonini@hotmail.com

Artigo apresentado durante o Simpósio

### **IX Simpósio Interdisciplinar do LaRS: palavras e coisas**

Rio de Janeiro: Departamento de Artes e Design, PUC-Rio, 2011.

ISBN: 978-85-99959-12-1

[www.simposiodesign.com.br](http://www.simposiodesign.com.br)

### **Esta obra é protegida pela lei de direitos autorais**

---

Em consideração aos princípios que vêm sendo adotados pelo LaRS, não há um formato padrão para os arquivos, respeitando-se as características individuais.



Departamento de Artes & Design

## NEM HOMENS, NEM MULHERES

### Resumo

Esse artigo apresenta uma análise crítica à divisão dos seres humanos em “homens” e “mulheres”, partindo do pressuposto que a categoria de gênero responde a uma lógica binária a partir da qual se aprimoram técnicas de normalização e transformação do ser vivo, tais como a fotografia dos corpos, a identificação celular, a análise e terapia hormonal, a leitura cromossômica ou as cirurgias transexuais e intersexuais. Um conjunto de técnicas e tecnologias fotográficas, biotecnológicas, cirúrgicas, farmacológicas, cinematográficas ou cibernéticas que materializam os sexos.

A lógica binária segundo a qual se estabelece a noção de gênero opera uma guerra entre identidades sexuais, seja no plano visível, a partir de restrições e violências, seja no plano invisível, onde os processos de existência e o corpo podem entrar em colapso na medida em que o que é socialmente ofertado como possível não representa o que se vivencia no plano sensível. O registro dessa lógica binária não agrega nada ao que subjetivamente se vive. Pelo contrário, sua existência impulsiona restrições e gera violência.

**Palavras-chave:** biopoder, gênero, subjetividade, tecnologias

### Abstract

This article presents a critique of the gender concept, assuming that the gender category responds to a binary logic, which was necessary for the development of technical standardization and transformation of people, such as photography, cells identification, hormonal analysis and therapy, chromosomal reading and the transgender and intersex surgeries. A set of photographic, biotechnology, surgical, pharmacological, cinema or cyber techniques constitute the materiality of the sexes.

The binary logic, according to which it provides the notion of gender, operates a war between sexual identities, whether visible, from the restrictions and violence, whether in the unseen, where the processes of existence and the body could break down what is possible just does not represent what is experienced at the sensible level. The record of this binary logic does not add anything to what is lived subjectively. Rather, its existence drives constraints and generates violence.

**Key words:** biopower, gender, subjectivity, technologies

## Nem homens, nem mulheres

Angela A. Donini<sup>1</sup>

Kelly Kotlinski Verdade<sup>2</sup>

As figuras classificáveis a partir dos gêneros funcionam segundo uma lógica binária que cria oposições e estabelece contradições. Essa lógica opera uma guerra entre identidades sexuais, seja no plano visível, a partir de restrições e violências, seja no plano invisível, onde os processos de existência e o corpo podem entrar em colapso na medida em que o que está posto não representa o que se vivencia no plano sensível. O registro dessa lógica binária não agrega nada ao que subjetivamente se vive, desestabilizar as figuras e romper com os quadros classificatórios relacionados à divisão de gênero para desenhar novas composições, arranjos possíveis e múltiplos é o desafio.

A respeito dessa desestabilização Suely Rolnik diz que “No invisível, a infinitude do processo de produção de diferenças; no visível, a finitude das figuras nas quais os personagens se reconhecem, com suas identidades e seus gêneros. É notório o mal-estar que tal disparidade mobiliza: há sempre um ou mais personagens tomados por um estranho estado de desterritorialização, como que perdidos numa terra desconhecida sem, no entanto, sequer ter saído do lugar.”<sup>3</sup>

Judith Butler<sup>4</sup> questiona: como se chega a ser de um gênero? Qual é o momento ou mecanismo de construção do gênero? Quando esse mecanismo chega ao cenário cultural para transformar o sujeito humano em um sujeito com gênero?

A divisão dos seres humanos em dois gêneros/sexos opostos é racionalizada, e pode-se dizer, legitimada, por meio de um processo de naturalização. Uma dada característica primária do ser é destacada, isolada, definida, explicada. Passa a caracterizar o ser em um corpo, esse corpo

---

<sup>1</sup> Doutora em Psicologia Clínica pela PUC/SP. Contato: necadonini@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestranda em Ciências Sociais pela PUC/RJ. Contato: kakaverdade@hotmail.com

<sup>3</sup> ROLNIK, Suely. *Guerra dos gêneros & guerra aos gêneros*. São Paulo, 1996.

<sup>4</sup> BUTLER, Judith. *El género en disputa. El Feminismo y la subversión de la identidad*. Buenos Aires: Paidós, 2007.

naturalizado, o destaca de outros corpos, o isola, e o define. O ser múltiplo, possível é encerrado em seu corpo natural, limitado, mensurável.

Michel Foucault ao escrever sobre o discurso da natureza em *As palavras e as coisas*<sup>5</sup> identifica que “... Esse a priori é aquilo que, numa dada época, recorta na experiência um campo de saber possível, define o modo de ser dos objetos que aí aparecem, arma o olhar cotidiano de poderes teóricos e define as condições em que se pode sustentar sobre as coisas um discurso reconhecido como verdadeiro.”

Há ainda uma relação direta entre a *forma humana* e a determinação de gênero. Essa determinação aparece justamente para que os corpos sejam considerados corpos humanos, o momento em que um bebê se humaniza é quando se responde à pergunta “é menino ou menina?”

As figuras corporais que não cabem em nenhum dos gêneros caem fora do humano e, de fato, constituem o campo do desumanizado e do abjeto contra o qual se constitui em si o humano. Se o gênero sempre está aí, delimitando por antecipação o que entra no humano, como podemos falar de um humano que se torna de seu gênero?

Na leitura que Butler faz do artigo de Monique Wittig "*One is not Born a Woman*", ela identifica questões da obra de Wittig que remetem a Simone de Beauvoir – como o título do artigo explicita - mas, ao mesmo tempo, separam-se dela – Wittig aponta o sexo como categoria política, tão culturalmente construído quanto a categoria gênero. A categoria de sexo não é nem invariável, nem natural, mas um uso especificamente político da categoria de natureza que serve aos propósitos da sexualidade reprodutiva. Em outras palavras, não há razão para dividir os corpos humanos em sexo masculino e sexo feminino a não ser que tal divisão seja útil para as necessidades econômicas que determinam a heterossexualidade e que dá um brilho naturalista a esta instituição. Portanto, para Wittig não há nenhuma distinção entre sexo e gênero. A categoria de sexo é em si uma categoria com gênero, investida por completo e politicamente naturalizada, mas não natural.

Uma mulher, para Wittig, somente existe como um termo que estabiliza e consolida uma relação binária e de oposição com um homem. Essa relação seria a heterossexualidade. Uma mulher que gosta de mulher, por exemplo, ao rechaçar a heterossexualidade, já não se define em termos

---

<sup>5</sup> FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 2007.

dessa relação de oposição. É uma relação que transcende a oposição binária entre mulher e homem, não é nem mulher nem homem; mas, sobretudo, não tem sexo; está para além das categorias de sexo. Mediante o rechaço dessas categorias, é possível reconhecer a constituição cultural contingente e a suposição tácita da matriz heterossexual que elas implicam. Assim, poderíamos dizer que, a partir de Beauvoir, para Wittig, não se nasce mulher, torna-se. Mas, além disso, não se nasce do gênero feminino, torna-se. E ainda mais radicalmente, caso quisesse, poderia não se tornar nem de gênero feminino, nem masculino; nem mulher, nem homem.

Para a “mulher natural” se estabelece um papel social, símbolos próprios e concepção imagética específica. A coisa ou aquilo que significa “mulher” construiu-se em subordinação ao gênero “homem”. São camadas, processos que levam à materialização do gênero: inicialmente o processo pelo qual fêmeas foram tornadas mulheres e depois como mulheres significam subordinação aos homens. Nesses processos atuam certas tecnologias, tais como, fotografia, biotecnologia, cirurgia, farmacologia, cinematografia ou cibernética.

A partir da leitura de Beatriz Preciado<sup>6</sup> pode-se desenvolver uma reflexão sobre a invenção da categoria de gênero como indício *da emergência* do que ela denomina *de novo regime farmacopornográfico da sexualidade*.

Para Preciado, a categoria de gênero não advém da agenda feminista dos anos 1960. Ela pertence ao discurso biotecnológico dos anos 1940. O gênero, a masculinidade e a feminilidade são invenções da segunda guerra mundial, que conheceram sua plena expansão comercial durante a guerra fria, tanto quanto as outras criações biotecnológicas desse período.

Esse novo modelo não se caracteriza simplesmente pela transformação do sexo em objeto de gestão política da vida<sup>7</sup>, mas, sobretudo, pelo feito de que essa gestão se opera por meio das novas dinâmicas do capitalismo avançado.

### **Cirurgia, tecnologia, hormônios, genética, capitalismo, poder e gênero**

John Money, psicólogo infantil encarregado do tratamento de bebês intersexuais, utiliza pela primeira vez a noção de gênero em 1947, de modo a opor a “rigidez” imposta ao sexo no século

---

<sup>6</sup> PRECIADO, Beatriz. *Testo Yonqui*. Madrid: Espasa Calpe, 2008

<sup>7</sup> Gestão política da vida, leia-se biopolítica. Ver ‘O Nascimento da Biopolítica’ de Michel Foucault.

XIX e trazer a plasticidade tecnológica. Ele a desenvolve clinicamente, juntamente com Anke Ehrardt e Joan y John Hampson, para falar da possibilidade de modificar hormonal e cirurgicamente o sexo dos bebês nascidos com órgãos genitais e/ou cromossomos que a medicina, com seus critérios visuais e discursivos, não pode classificar como somente femininos ou masculinos.

Intersexuais e hermafroditas, por exemplo, rompem com a possibilidade classificatória estabelecida nos catálogos para as possíveis variações da humanidade: homem ou mulher, assim, esses corpos-rebelião ao não se enquadrarem na sequência prevista, se tornam objetos de intervenções para adequá-los à sequência esperada.

Quando Money utiliza a noção de gênero para nomear o “sexo psicológico” pensa sobretudo na possibilidade de modificar o corpo segundo um ideal regulador preexistente que prescreve como deve ser um corpo humano feminino ou masculino.

Se no sistema disciplinar o sexo era tido como natural, definitivo, intransferível e transcendental, o gênero aparece agora como sintético, maleável, variável, suscetível de ser transferido, imitado, produzido e reproduzido tecnicamente.

Para Preciado, Teresa de Laurotis é, junto com Judith Butler e Denise Riley, uma das primeiras teóricas que a partir dos anos 1980 vão examinar o marco epistemológico que opera nos discursos feministas. É possível falar de “teoria” feminista, nos adverte De Laurotis, somente quando essa interroga seus próprios fundamentos e interpretações críticas, seus termos, suas práticas linguísticas e de produção de visibilidade.

Para De Laurotis, o sujeito do feminismo não coincide com “as mulheres”, apresenta-se como uma força de deslocamento, como uma prática de transformação da subjetividade.

Se por um lado o que importa é a força de deslocamento, todo o contrário de uma suposta identidade, por outro lado, seria interessante considerar, de forma mais radical, que tal força não é própria de um suposto feminino, mas daquilo que coloca em xeque a lógica da subjetividade patriarcal e burguesa, na qual se engendram as figuras tanto do feminino quanto do masculino.

A máquina cinematográfica e seus modos específicos de registro, projeção, montagem, significação e decodificação serviram a De Laurotis como modelo para pensar a subjetividade

sexual e de gênero. De acordo com Preciado, o sistema *farmacopornográfico* – seguindo De Lauretis – funciona como uma máquina de representação somática, de onde texto, imagem e corporalidade fluem no interior do circuito cibernético. O gênero nesta interpretação de De Lauretis é o efeito de um sistema de significação, de modos de produção e de decodificação de signos visuais e textuais politicamente regulados.

O sujeito é, ao mesmo tempo, um produtor e um intérprete de signos, sempre implicado em um processo corporal de significação, representação e auto-representação. O gênero é uma construção sociocultural, uma representação, o efeito do cruzamento das representações discursivas e visuais que emanam dos diferentes dispositivos institucionais: a família, a religião, o sistema educativo, os meios de comunicação, a medicina ou a legislação, mas também, de fontes menos evidentes, como a linguagem, a arte, a literatura, o cinema e a teoria.

De Lauretis propõe como campo possível de trabalho, a análise das diferentes “tecnologias de gênero” que operam socialmente, produzindo, sempre de forma precária, sujeitos de enunciação e de ação. É a subjetividade em seu conjunto o que se produz nos circuitos tecnológicos e orgânicos codificados em termos de gênero, de sexo, de raça, de sexualidade através dos quais circula o capital farmacopornográfico.

Para Preciado, o gênero, como a pílula anti-concepcional, não emerge do discurso feminista, mas sim, dos laboratórios do sistema *farmacopornográfico*, e hoje é amplamente difundido nas políticas públicas como uma abordagem necessária para promover equidade entre homens e mulheres (o que vigora no Brasil particularmente). Isso faz com que toda a crítica e as questões mais complexas do sistema que reproduz categorias fiquem de fora da reflexão coletiva e das práticas sociais, de saúde e de educação.

O verdadeiro negócio do *farmacopoder* são as tecnologias de gênero, de sexo, de sexualidade e de raça. Tecnologias de produção somática e de suas ficções.

A indústria da beleza, da maternidade, são expressões do *farmacopoder*, atuam na construção e fixação da imagem da coisa homem, e da coisa mulher.

Nem os critérios visuais que regem a definição de sexo no nascimento, nem os critérios psicológicos que fazem com que alguém se considere “interiormente” como homem ou mulher tem realidade material. Ambos são ideais reguladores, ficções políticas.

Judith Butler definiu o gênero como um sistema de regras, convenções, normas sociais e práticas institucionais que produzem performativamente o sujeito que pretendem descrever.

Ela identificou o gênero não como uma essência ou uma verdade psicológica, mas como uma prática discursiva e corporal performativa por meio da qual o sujeito adquire inteligibilidade social e reconhecimento político.

Assim, para Preciado, a noção de gênero inventada por Money é, antes de tudo, um instrumento de racionalização do ser vivo onde o corpo é tão somente um dos parâmetros. Gênero é uma noção necessária para o aparecimento e desenvolvimento de uma série de técnicas *farmacopornográficas* de normalização e transformação do ser vivo – como a fotografia dos “desviados”, a identificação celular, a análise e terapia hormonal, a leitura cromossômica ou a cirurgia transexual e intersexual. Por isso, ela propõe o termo “tecnogênero” para dar conta do conjunto de técnicas fotográficas, biotecnológicas, cirúrgicas, farmacológicas, cinematográficas ou cibernéticas que constituem performativamente a materialidade dos sexos.

A imagem, antes do aparecimento e aperfeiçoamento das técnicas hormonais e cirúrgicas, será crucial para a produção do novo sujeito sexual e da sua verdade visual. O processo de produção da diferença sexual através de técnicas de representação do corpo já havia começado no século XVII com o desenho anatômico e pornográfico. Com a fotografia, ganha realismo visual.

Os órgãos sexuais são expostos à vista fotográfica por uma mão externa. A verdade do sexo toma aqui o caráter de uma revelação visual, processo no qual a fotografia participa como um catalisador ontológico que explicita uma realidade que não poderia manifestar-se de outra maneira. Um século depois, em 1980, a antropóloga Susan Kessler denunciou os códigos estéticos, por exemplo, tamanho e forma do pênis ou do clitóris que dominam os protocolos médicos de definição dos sexos dos bebês no momento do nascimento em nossa sociedade. Se esses códigos visuais parecem não ter se modificado excessivamente desde o final do século XIX, as atuais possibilidades técnicas de modificação do corpo introduzem diferenças substanciais no processo de definição e produção da feminilidade e masculinidade. O processo



de normalização (definição e redefinição) que antes só podia realizar-se por representação discursiva ou fotográfica se inscreve agora na estrutura mesma do ser vivo pelas técnicas cirúrgicas e endocrinológicas.

Assim, se um bebê nasce com um pênis que, de acordo com estes critérios somáticos, políticos e visuais aparece como excessivamente pequeno, o chamado micropênis, será amputado e os genitais reconstruídos em forma de vagina e se aplicará uma terapia de substituição hormonal a base de estrógenos e progesterona para assegurar que seu desenvolvimento sexual exterior seja identificável como feminino.

Diferentes das técnicas de normalização do corpo desenvolvidas pelos sistemas disciplinares, as técnicas de gênero do biocapitalismo *farmacopornográfico* são flexíveis, internas e assimiláveis.

O regime *farmacopornográfico* da sexualidade não pode funcionar sem a circulação de uma enorme quantidade de fluxos semióticos e técnicos: fluxos de hormônios, fluxos de silicone, fluxos digitais, textuais e da representação. Nessa economia política do sexo, a normalização da diferença depende do controle da reapropriação e do uso desses fluxos de gêneros.

A cartografia sexual do Ocidente, a partir do final da segunda guerra mundial com sua divisão sexual e sua classificação de sexualidades normais e desviadas, depende da gestão legal e mercantil das moléculas que dominam a produção dos fenótipos (signos externos) que culturalmente reconhecemos como femininos e masculinos, normais ou desviantes, sexuais ou neutros (por exemplo, o pelo facial, o tamanho e forma dos genitais, o tom da voz etc), da gestão tecnopolítica da reprodução da espécie, do controle farmacológico de nossos sistemas imunológicos e de sua resistência à agressão, à doença e à morte. O gênero (feminilidade/masculinidade) não é nem um conceito, nem uma ideologia, nem uma performance. É uma ecologia política.

A certeza de ser homem ou mulher é uma ficção *somaticopolítica* produzida por um conjunto de tecnologias de domesticação do corpo, por um conjunto de técnicas farmacológicas e audiovisuais que fixam e delimitam nossas potencialidades somáticas, funcionando como filtros que produzem distorções permanentes da realidade que nos rodeia.

O gênero opera como um programa por meio do qual se produzem percepções sensoriais que tomam a forma de afetos, desejos, ações, crenças, identidades. Um dos resultados característicos desta tecnologia de gênero é a produção de um saber interior sobre si mesmo, de um sentido do eu sexual que aparece como uma realidade emocional evidente à consciência. “Sou homem”, “sou mulher”, “sou heterossexual”, “sou homossexual” são algumas das formulações que condensam saberes específicos produzidos por tais tecnologias e que as reafirmam, atuando como núcleos biopolíticos e simbólicos duros em torno dos quais é possível aglutinar todo um conjunto de práticas e discursos. A testosterona corresponde, junto com a oxitocina, a serotonina, a codeína, a cortisona, o estrógeno, o omeprazol, ao conjunto de moléculas disponíveis hoje para fabricar a subjetividade e seus afetos. Vivemos sob o controle de tecnologias moleculares, de camisas de força hormonais destinadas a manter as estruturas de poder de gênero.

Fora destas ecologias somáticas e políticas que regulam o gênero e a sexualidade não há nem homens, nem mulheres.

## **Bibliografia**

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. *El género en disputa. El Feminismo y la subversión de la identidad*. Buenos Aires: Paidós, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos* volume V. São Paulo: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 2007.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: Corpo e Gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LAURETIS, Teresa de. *Technologies of Gender. Essays On Theory, Film, And Fiction*. Indiana University Press, 1987.

PRECIADO, Beatriz. *Testo Yonqui*. Madrid: Espasa Calpe, 2008

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental*. Rio Grande do Sul: Sulina, 2006.

WITTIG, Monique. *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*. Barcelona: Egales, 2006.